

# Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)  
**ARMANDO ROCHA CRUZ**  
Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9  
TELEFONE 59 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## Indústrias Caseiras

VISITA-MOS, em Lisboa, no Secretariado Nacional de Informação, a exposição de colchas de colcha de Castelo Branco, que durante 10 dias esteve patente ao público.

Embora a exposição pudessem interessar mais as senhoras, os homens também sabem e gostam de apreciar a beleza seja qual for o aspecto em que se mostre. Lá vimos a réplica das colchas oferecidas a sua Magestade a Rainha de Inglaterra e a sua augusta irmã a Princesa Margarida quando das suas visitas a Portugal e ainda a réplica das vistosas tapeçarias para o Governo Geral de Angola e Instituto dos Altos Estudos Militares. Obra admirável de trabalho mais mal executado por mulheres humildes que, certamente, o podem realizar em suas casas.

Lá estavam também na sala da exposição algumas delas, a

### BOMBEIROS DE OLHÃO

Foi concedido mais um subsídio de 40.000\$00, aos Bombeiros Voluntários de Olhão.

trabalhar no bastidor para que vissemos e admirássemos a sua perícia e paciência. E lembramo-nos então dos artesãos da nossa Província, a pouco e pouco desaparecidos na vagem da fábrica que veio diluir a família e transformar o lar em camarata.

Sapateiros, arameiros, doceiros, tecelões, tudo vai desapa-

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

## CRISE NO TEATRO?

VARIAS vezes temos afirmado, e nunca nos cansaremos de fazer, que o grau cultural de um povo pode julgar-se pelas manifestações de arte que promove e pela forma como recebe e acarinha tudo o que possa concorrer para o seu desenvolvimento

### CASAS PARA POBRES EM VILA REAL DE S. ANTÓNIO

No próximo dia 18 serão abertas as propostas respeitantes à construção de um novo bloco de casas para as classes pobres, num total de doze fogos.

e apuramento artístico. Se é certo que não podemos partilhar a emoção, não é menos certo que podemos desenvolvê-la, apurá-la de modo que emprestemos à vida o que quer que seja que se afaste do materialismo que, pela força das circunstâncias, temos de nos sujeitar.

Do saber podemos nós partilhar e tanto assim é que facilmente se encontram profundos conhecimentos despidos daquele grau mínimo de poder emocional necessário para fazer um artista.

Essas enciclopédias ambulantes que ignoram o valor da arte como arte podem iludir aqueles que se encontram nas mesmas con-

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

## O Analfabetismo em Portugal DOENÇAS CURÁVEIS

OS analfabetos entre nós, felizmente, estão reduzidos a um pequeno número. E esse número pertence já aos homens e mulheres com mais de quarenta anos de idade.

Ainda bem que esse deprimen-

### POR MARCOS ALGARVE

te panorama tende a desaparecer de todo.

Mas podia ter já desaparecido há uns bons sessenta anos, quando D. Guilhermina Ramos (viúva do poeta João de Deus), Casimiro Freire e dr. João de Deus Ramos se lançaram nessa abençoada missão de suprimir o analfabetismo.

Além destes nomes que citei, havia dentro do Exército um ofi-

### MOVIMENTO TURÍSTICO Do ano de 1958

Durante 1958 visitaram Portugal cerca de 24.000 turistas ingleses. Do número total de turistas que estiveram no País, nove por cento eram ingleses, dezassete por cento norte-americanos e vinte e um por cento espanhóis.



SONO tranquilo e daspreocupado, estas duas crianças que parecem desconhecer o que vai pelo mundo. Por que não têm os homens esta tranquilidade?

### AO CORRER DA PENA

## OS PROTESTOS DO SENHOR PINTADO

1 O cidadão Cardoso conhece o Algarve há uns anos, aliás sómente o sotavento, onde vem ve-

### POR JOSÉ ESTEVAM

ranear; e, tantos encómios tecu deste torrão ao seu amigo Pintado, que este decidiu-se a vir até cá deabalada, não como turista,

mas à conta de observador circunspeto.

Ora Pintado pinta-se para expelir comentários, que saem por vezes azedos de sua pena aparada e, na erudição, que brota do portentoso bestunho, demonstra ser tão ilustre desconhecido, que faz parte de quantas academias científicas se exibem por este nosso País de Maravilhas.

Mas o forte em que assenta o sábio Pintado é a entrevista mui palavreada, não de altas figuras, mas do Zé Povinho Pacóvio. Tem de se acrescentar que, ha-

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

### JÁ HÁ BACALHAU NO ALGARVE

Com grande satisfação do público, começou a distribuição de bacalhau pelos retalhistas, em Faro, seguindo-se-lhe o fornecimento normal a toda a província. Nunca, como agora, o «fiel amigo» tinha sido tão solicitado não sómente no Algarve como em todo o País.



DEPOIS de protestos (o público nem sempre tem razão...) o júri escolheu uma «miss» para representar o nosso País no próximo concurso para eleição de «Miss Mundo» a disputar em Inglaterra: Maria Teresa Lewes da Mota Cardoso, que a gravura documenta.

## BENEFÍCIO DA BARRAGEM DE ODIÁXERE

MOSTRARAM as últimas colheitas os altos benefícios advindos da barragem de Odiáxere. Assim, pela primeira vez, se fez a sementeira do arroz que produziu quantidade apreciável deste cereal e o milho duplicou a sua produção.

Acostumados, como estamos, que o Estado deve fazer tudo, Senhor Todo Poderoso e Onnipotente, os nossos proprietários não aproveitam fazer pequenas albufeiras em lugares propícios de muitas das suas terras que logo lhes pa-

gariam amplamente os gastos em prolíferas sementes. Principalmente na província Alentejo muitos males podiam ser remediados — havendo mais pão e trabalho — se os lavradores de grandes herdades em muitos casos a isso se despuzessem.

### ANIVERSÁRIO DO PAPA

Comemorando mais um aniversário, da Coroação de S. S. João XXIII, foi celebrada na passada Quarta Feira, na Sé Catedral, em Faro, um solene Te-Deum.

## PEIXE PARA ABASTECER LISBOA

Duzentas toneladas de peixe por dia estão a ser descarregadas em Lisboa para consumo da capital. Trata-se de quantidades fora do comum e as pescarias estão, ultimamente, a ser orientadas de maneira a garantir o contínuo abastecimento.

## SANTA CASA DA MISERICÓRDIA de Vila Real de Santo António

A Mesa desta Santa Casa, tendo terminado o apuramento das dádivas recebidas por ocasião do II Cortejo de Oferendas realizado em 27 de Setembro passado, tem a honra de tornar público a sua receita total:

Em dinheiro . . . . .	85.217\$50
Em géneros e artigos vários . . . . .	17.301\$10
total . . . . .	102.518\$60

Ao mesmo tempo quer publicamente demonstrar o seu reconhecimento a todos quantos por qualquer forma concorreram para o bom rendimento e êxito deste Cortejo.

Dum modo muito especial o seu agradecimento muito sincero aos componentes das várias Comissões que tão dedicadamente trabalharam em Cacela e nesta Vila, à Digníssima Câmara Municipal e à Imprensa local, pelas facilidades e valiosa colaboração prestadas por esse motivo.

## Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

### Como as toupeiras

Um célebre, escritor costumava dizer que o génio é constituído de três por cento de inspiração e noventa e sete de transpiração.

Não vou tão longe na percentagem, o lugar dado à transpiração peça, evidentemente, por exagero. Nós podemos chegar a um equilíbrio, a uma percentagem mais justa. Podemos dizer que a inspiração sem o trabalho constante de a depurar e de a realiar de pouco vale. Conheço um rapaz que possui a sua inspiração organizada em bases sólidas. Para cada história, uma ficha acumulada de apontamentos. Um monte de fichas vi eu, juro. Mas o dito rapaz deixou que toda a sua capacidade de trabalhos derivasse para as fichas — uma actividade de burocrata — e não há maneira de pegar nas histórias. Aguarda. O quê? Não sei. Não sabe. Aguarda. A visita do génio, do instante em que se vão abrir, de par em par, as portas da eternidade. Tolo. Ignora que para a eternidade se caminha minando como as toupeiras.

### O poder dos velhos sonhos

Volta mais uma vez à baila (Conclui na 2.ª página)



CONSTITUIU grande novidade para os «fans» a visita a Lisboa da aplaudida Sara Montiel. Ei-la, após a chegada, confiando as suas impressões para os seus admiradores, através da Rádio portuguesa.

## FLORES PARA OS MORTOS



NESTA manhã outonal, em que o frio vergalhava os rostos contraídos por uma convulsão nervosa, o País, de lés a lés, e sem distinção de categoria social, vestiu-se de luto. Nesta manhã outonal, celebra-se o Dia de Finados. É a perfeita comunhão do Homem em que se debruça sobre a campa daquele que em Vida teve um nome e uma história, de breve ou pausada passagem. É o dia, afinal, em que os mortos estão «presentes» em qualquer gesto, em qualquer frase, em tudo que neles ficou a marcar uma existência. É uma saudade, essa roma-

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

## UM GESTO CARIDOSO

OBSERVAR um gesto caridoso na era atómica que atravessamos, é ser tão feliz como um repórter fotográfico que consegue ser o primeiro a fotografar um grande acontecimento para o seu jornal. E' por isso que eu fiquei imensamente satisfeito ao observar o seguinte: Um grupo de quatro pe-

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Depois de passar alguns dias em companhia de seus pais, retirou para Lisboa, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Manuela de Sousa Cruz, esposa do nosso prezado assinante sr. Renato Adriano da Cruz.

Após alguns dias nesta vila, retirou para casa de seus pais a menina Maria Diamantina Leiria, filha do nosso prezado assinante sr. Maglório Flores Leiria, residente em Setúbal.

Com sua esposa regressou a Lisboa, acompanhado de sua filha, que foi consultar a medicina, o nosso prezado amigo e assinante, sr. António Vicente Campinas.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso prezado assinante sr. Jorge Manuel Freire Medeiros.

Esteve nesta vila a nossa prezada assinante sr.<sup>a</sup> D. Iliete Medeiros Salvador.

Com curta demora, esteve em Lisboa, acompanhado de sua filha, que foi consultar a medicina, o nosso prezado amigo e assinante, sr. António Vicente Campinas.

Partiu para Novo Redondo (Angola), onde vai fixar residência, o nosso prezado assinante sr. Francisco Sequeira Cantinho.

Regressou a Lisboa, o nosso prezado assinante sr. capitão António Pedro Brito-Abaim Vila Lobos.

Fixou residência em Mafra o nosso prezado assinante sr. José do Carmo Perrolas Júnior.

## FOLHAS DE OUTONO

por EMÍLIO VALONGO

**A** INSENSIBILIDADE de que me acusas não tem razão de ser. Eu vivo e sou e choro e sinto, como mortal que sou. E' mais capricho teu afirmares que nada sinto. Ah, se tu pudesses «ver» com os olhos da alma esta minha alma sofrer e amarfanhar-se como um farrapo sacudido pelo vento! Então, sim, dirias como também sou frágil como frágeis são estas folhas mortas deste Outono friorento, folhas caídas no chão e arrastadas pela brisa momentânea e suave!

**ESTA** manhã outonal, amanheceu pálida. Pálida e triste. A chuva miudinha fustigava as árvores e vinha beijar, docemente, as vidraças da janela. E através delas meu olhar olhava sem ver o caudal humano desenfiado que começava mais um dia. E fiquei a pensar quão felizes eram esses desconhecidos que esperançados caminhavam para um novo dia sem terem a certeza de o viverem! Uma lágrima fria perdeu-se nem sei onde, outra e outra, e o meu rosto contorceu-se num espasmo doloroso ao recordar essa história distante que um dia também morreu arrastada pela brutalidade da vida.

**AH**, eu nunca te contei esta história! Falei-te, sim, deste jogo invencível de querer viver; da rua, da viela, da lama, da podridão que eu conheço como minhas mãos. Desta história, nunca! Compreendes?! Nunca! Perdoa-me, mas sinto um fluido estranho a massacrar-me quando dela falo. Sinto uma tristeza profunda que me comove. Foi também num Outono que ma roubaram para todo o sempre...

(CONCLUI NA 6.ª PÁGINA)

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

## Perdeu-se

Uma chave Yale com uma argola.

Gratifica-se quem a entregar na Secretaria da Santa Casa da Misericórdia desta Vila.

# OS PROTESTOS DO SENHOR PINTADO

(Conclusão da 1.ª página)

vendo cultivado as musas, atirou com a lira para trás dos moínhos, na convicção de que o poeta descamba quase sempre em pateta — duas palavras que rimam.

Sem embargo dessa conclusão, ainda agora larga picantes laráchens em quadras de sete sílabas bem metrificadas, que fazem o enlevo dos labregos da Aldeia de S. Bento, ilustrada freguesia do concelho de Serpa.

**2** EI-LOS ambos metidos no barco, atravessando o decantado Tejo, de onde partiram em busca do desconhecido as caravelas de D. João II, *El Hombre*, como lhe chamava a Rainha Isabel da Espanha, e as naus do Rei Venturoso, monarca cujas mãos, como símbolo de seu poderio, lhe davam por baixo dos joelhos.

Corria deliciosa brisa de carícias no sossegado mar-da-palha. Ao norte, enxergava-se o casario branco de Alcochete e, para o sul, erguia-se a estátua de Cristo Rei, imitando o Cristo Salvador do Rio de Janeiro, na mania de o português copiar o que adrega de ver em terras estranhas.

Para trás, admirava-se o cenário que jamais se esquece dos al-tibaixos de Lisboa, em que nas vidraças dos palácios e dos tegúrios cintilam os reflexos brilhantes do Sol, espectáculo encantador que a projectada ponte sobre o rio virá enunviar.

**3** DESEMBARCA-SE no Barreiro tal como no século passado, esperando que se alevantem e se acomodem os passadiços ao vapor, o que prova que a remodelação que tem beneficiado o País não entrou na acção manquejante dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Adequada ao tráfego da viação acelerada, a estação do Barreiro daria vazão às viaturas, que esperam a vez de no Terreiro do Paço passarem a Cacilhas de rumo ao Alentejo e ao Algarve.

Ao longo da linha, perfilavam-se as carruagens do rápido, que naquele dia de feriado nacional teriam de abergar por algumas horas buliçoso exame de povoleu com malas, cabazes e embrulhos de várias espécies e tamanhos.

Tudo arrumado, dando-se por findo o zelo dos bagageiros, o comboio pôs-se em marcha rolando por ali fora...

**4** POR enquanto, a paisagem apresenta cor verdejante; mas, depois do arvoredo, surgem os descampados alentejanos — a planície com um ou outro monte, que se estende a perder de vista e

desconsola a alma sedenta da variedade e da inconstância.

Tocados em Beja, arreiam-se bagagens enquanto entra mais gente, tornando-se notado um casal de moços ciganos, ele assaz encorpado e ela de 15 primaveras e de sorriso permanente nos lábios.

Nunca o sr. Pintado viu pintada nos olhos negros e sedutores de uma cigana beleza tão radiante e asseada.

Naquela tarde de jogo de bola, já longe de Beja, uma turba-multa, acompanhada de não menos destemida filarmónica, invadiu de roldão as carruagens e comprimiu de tal jeito o sr. Pintado, que o poeta começou a protestar e acabou por gritar *ó da guarda*, por se julgar esbarrachado.

— Calma, amigo Pintado! — aconselhou o sr. Cardoso. — Isto não se parece, inda assim, com a barafunda dos chamados carros eléctricos de Lisboa, onde nem sequer se respeitam os calos e a dignidade da pessoa humana, como soe dizer-se a propósito de qualquer coisa.

Chegara, porém, o momento de se deixar o enfado da viagem, pois ambos estavam em Faro, prontos para bispar e anotar o que lhes desse na gana.

Torre dos Frades, Outubro de 1959.

José Estevam

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

## AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 1 a 6 de Novembro

Entrados:

MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.

GORGULHO, Português, de 1.196 ton., de Setúbal, com carga em trânsito.

MARIA CHRISTINA, Português, de 549 ton., de Lisboa, vazio.

TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton., de Lisboa com carga em trânsito.

GAIA, Italiano, de 499 ton., de Setúbal, com carga em trânsito.

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

SHELL ONZE, Português, de 358 ton., de Lisboa, com combustíveis líquidos.

Saídos:

ZÉ MANEL, com minério, para Lisboa.

MARIA CHRISTINA, com enxôfre, para Lisboa.

MIRA TERRA, com minério, para Lisboa.

GORGULHO, com figos secos e sal para Funchal.

MARIA CHRISTINA, com enxôfre, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 7 a 13 de Novembro a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal — Telefone 49.

« NOTÍCIAS DO ALGARVE »

VENDE-SE

EM TODO O ALGARVE

# Conta Gotas

(Conclusão da 1.ª página)

o problema do desarmamento. De vez em quando os velhos sonhos acordam — e acordam sempre com mais vigor. Até que se realizam. Essa é a grande característica dos grandes sonhos.

Eu, que com mesquinha, tão quase-nada como uma formiga rabiga, sofro a mania das grandezas. Posso não ter ombros para os pequenos fardos quotidianos (e não tenho, ai de mim!) mas continuamente subo às montanhas mais altas para aí plantar a bandeira da esperança. Dessas montanhas avisto paisagens surpreendentes que me deixam abismada. Em vez dos canhões, tractores; em lugar das grandes instalações militares, grandes sanatórios e casas de saúde; o aço, que andava metido em porta-aviões e cruzadores, compõe transatlânticos de maravilhosos cruzes. O mento aqui do res-

## LITERATURA NOCIVA

Não somos iconvelastas, mas se não nos regozijamos compreendemos a enorme pira de livros, cerca de 70 mil, que se fez na Argentina.

Em Portugal quando é que se limpará das mãos de crianças e adolescentes, e até de adultos, tantos livros nocivos que só servem para os prevenir e desorientar?

Não é só a saúde física que pede cuidados; a moral e intelectual exigem-nos também e enérgicos para serem salutarés.

-de-chão já não brinca às guerras, com tanques lança-chamas e certas canções morreram para a realidade, ficam apenas para labor dos estudiosos. Como a que diz assim:

«Soldado que vens da guerra viste lá o meu irmão soldadinho novo do primeiro batalhão...»

Sonho? Não. Vejo. Vejo e com um óculo de pequeno alcance.

## Já reparaste

E' conhecida a pergunta sacramental da senhora moralista:

— Para que estudas, meu menino?

E a resposta do menino:

— Para vir a ser alguém, minha Senhora.

Para ser alguém... Isto de ensinar os meninos, para virem a ser alguém encontrará mundo de Cristo, dificilmente, monstruosidade semelhante.

Se fosse eu a mandar (como dizia o velho pescador da velha praia) ordenava que todas as disciplinas actualmente no poleiro porém substituídas por outras, muito mais importantes, a saber: poesia, música, dança, desporto, teatro, escrivinhagem de histórias, passeios ao ar livre, construções mecânicas, desmanchar e armar relógios, brinquedos, motores, aritmética quanto basta como nos remédios de botica. Isto e mais leite, pão e fruta com fartura provaria à sociedade que a felicidade é deste mundo.

Porque a felicidade, leitor amigo, pode ser deste mundo. Já reparaste?

## E agora eu pergunto...

E agora eu pergunto: para quando o «almoço de oslo» para todas as crianças portuguesas que frequentam as escolas? Quando terão todas as crianças, sobre a sua carteira, ao pé do Livro sábio, a garrafa de leite pasteurizado, o pãozinho embrulhado, a peça de fruta? Isso, que é já prática corrente, em países civilizados, ainda não chegou à Lusitânia. Muita pena. As meninas que todas as manhãs regressam a casa e passam à minha porta (e a gritar, para meter ferro às mães crescidas: «as meninas do liceu são mais burras do ca eu!») passam, enfezadinhas como plantazinhas em má terra, essas meninas ficariam muito agradecidas.

E, pelo menos neste bairro de carvão, de fumo e de sucatas, sonhariam com a hora de voltar à Escola.

Maria Manuela Nunes

## LUTUOSA

Manuel Vitorino Soares

Faleceu nesta Vila, com 52 anos de idade, o sr. Manuel Vitorino Soares, natural de Tavira, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Espirituosa Sequeira Soares. O saudoso extinto, que exercia há largos anos a profissão de negociante de peixe, era muito conhecido e geralmente estimado pelas suas qualidades de carácter, tendo o seu passamento causado profunda consternação.

Era pai das sr.<sup>as</sup> D. Marina Sequeira Soares Faria e D. Maria Catarina Soares dos Santos e do sr. José Luis Soares; sogro da sr.<sup>a</sup> D. Antónia Rodrigues Fernandes Soares e dos srs. Horácio Ferreira da Silva Faria e António Francisco dos Santos; e irmão da sr.<sup>a</sup> D. Maria José Soares Trindade, residente em Rabat, e dos srs. Francisco Nicolau Soares, José M. Dias Soares, residente na Venezuela, Joaquim Soares e António Rafael Soares.

À família enlutada o «Notícias do Algarve» apresenta sentidas condolências.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

propósito, que Castro Marim tem uma dívida de gratidão para com estes seus filhos, embora D. António seja filho adoptivo. Seria um gesto simpático saldar esta dívida pondo os seus nomes em ruas desta vila pois vêm-se nomes postos nas ruas de quem nada fez por ela, por esta mui antiga e nobre Vila.

## PRONTO! NÃO BATAS MAIS!

**NÓS** não queríamos dar publicidade a esta cena conjugal porque não somos de intrigas, mas... confiamos no quanto mais me bates mais eu gosto de ti!

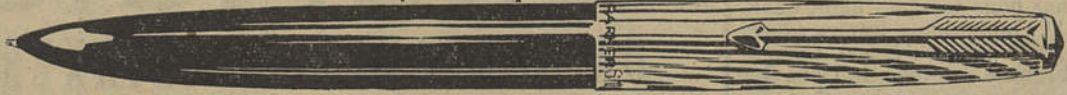
Pois o caso começou assim: o brinçalhão do Alberto Sordi saiu depois do jantar (a eterna desculpa do «café» e dos amigos...) e apareceu às 2 da madrugada e, claro, a tempestuosa da Marisa Allaso deu-lhe «forte»!

Isto servirá de lição ao leitor que vai ao «café»... para dar dois dedos de conversa aos amigos!



O mais lembrado de todos os presentes...

Parker 61  
a caneta de acção capilar



Muito tempo depois de ter sido dado este presente tanto quem o ofereceu como a Parker 61 serão recordados com muito apreço pelo seu possuidor.

Magnífica quanto à linha, soberba no funcionamento, a Parker 61 é o género de caneta que se usa e aprecia anos e anos sendo, à medida que vai escrevendo, uma recordação agradável da data memorável em que foi oferecida.

Virtualmente estanque e à prova de choque não tem peças móveis que se quebrem ou desgastem... e enche-se por si própria!

Para o seu próximo presente escolha o melhor... uma caneta Parker 61.

Veja quanto antes a caneta Parker 61 — Cinco modelos à escolha — todos com lapisciras condizentes.

UM PRODUTO DE

THE PARKER PEN COMPANY

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL:

VIALGA, Representações SARL - Av. António Augusto de Aguiar, 90-7.º LISBOA

TELEFONE 733254

NO. 9-6521

# Sensacional!

**EIS A MÁQUINA MAIS MODERNA  
PARA A CONFECCÃO DE JORNAIS A VÁRIAS CORES!**

ACEITAM-SE JORNAIS  
QUINZENÁRIOS  
SEMANÁRIOS

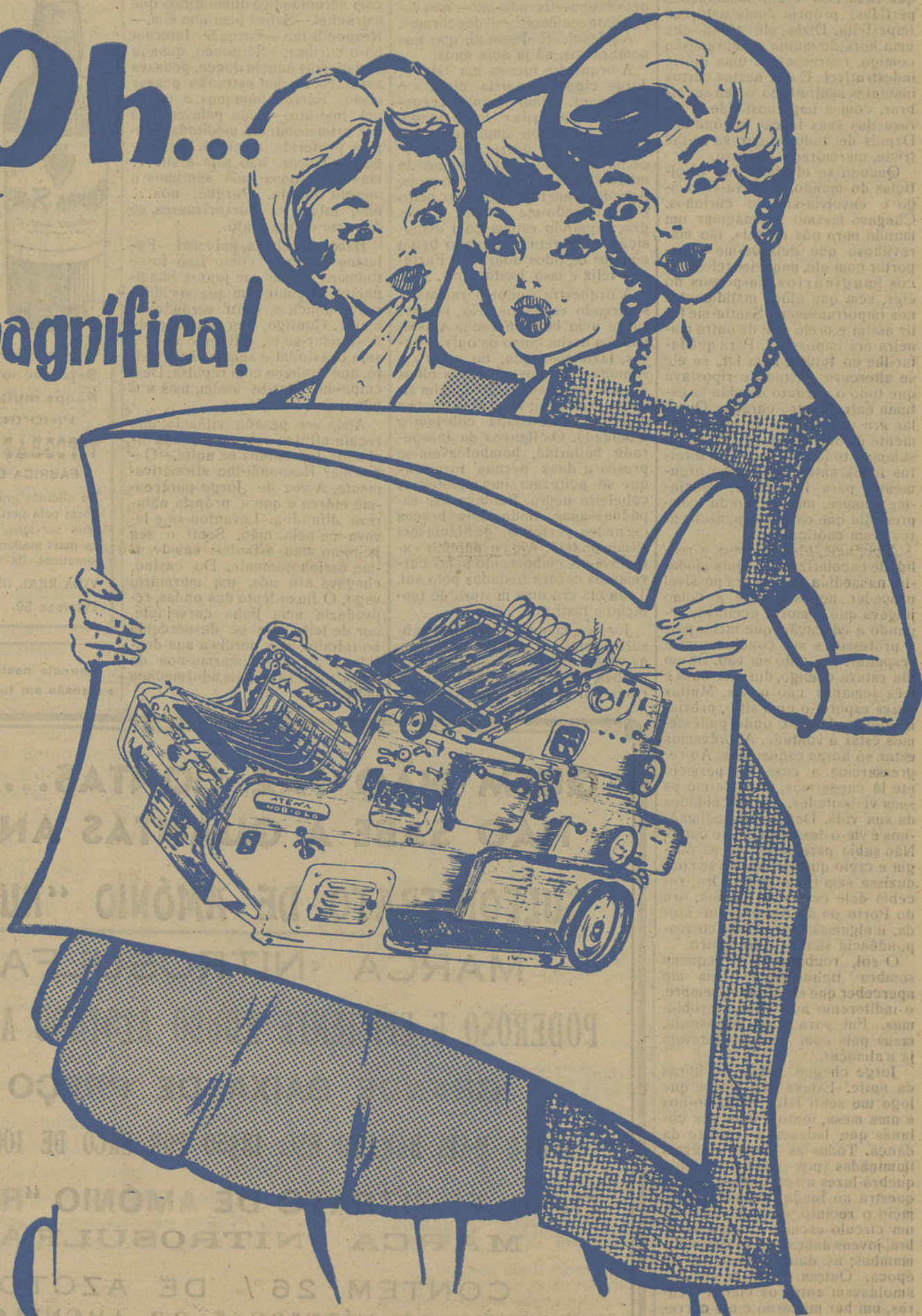
**E**  
BI-SEMANÁRIOS

A TODOS OS JORNAIS  
CONFECCIONADOS NAS  
NOSSAS OFICINAS GRÁFICAS  
OFERECEMOS TODAS AS  
SEMANAS AS GRAVURAS  
PARA A 1.ª PÁGINA

**PREÇOS  
FORA DA CONCORRÊNCIA**

**TIPOGRAFIA SOCORRO**  
UMA FIRMA COM TRADIÇÕES GRÁFICAS DESDE 1891  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**Oh...  
é  
magnífica!**



**o Senhor também dirá o mesmo...**

UM CONTO DE VEZ EM QUANDO

# «UMA NOITE NO ALGARVE»

Depois de tomar banho nas águas tépidas do oceano, espraie-me na areia sob o toldo que refrescava aquele rectângulo da praia escaudante. O sol irradiava no perpendicular. Jorge só chegava

CONTINUA POR  
**JOSÉ MACHEIRA**

ria à noite; tínhamos combinado um encontro no casino. Era um namoro insólito, mas gostava dele apesar da oposição de meus pais. Na verdade para quê iludir-me se sabia que com ele o futuro era incerto. Jorge era bom atleta, tinha boa apresentação e insinuava-se com facilidade. Vivia o dia a dia, o futuro não lhe interessava. Dizia ele que na vida mais vale um minuto de prazer, de que todas as outras coisas juntas. Não sabia bem porque ele pensava assim, mas várias vezes Jorge falava-me de um sofrimento e duma luta insidiosa que o prostava no íntimo. Nestes momentos dava a entender que odiava o mundo, que os homens e a religião adulteraram o que é humano e sensato. Creio que tudo isto eram observações pérfidas, própria duma natureza imperfeita. Dizia ele ainda que uma hora de mútua compreensão comigo, representava uma glória indestrutível. E que nestes curtos instantes sentia todo o seu ser vibrar, com a impetuosidade natureza das suas forças recônditas. Depois de tudo afigurava-se-lhe triste, marmóreo e confuso.

Quando se olvidava das estultícias do mundo, tornava-se-me melgo e envolvia-me de carinhos. Chegava mesmo a imaginar um mundo para nós os dois, tão maravilhoso que deixava-me transportar com ele, naqueles telefericos imaginários, suspensos no éter, sem que olhos malicentes nos importunassem. Sentia-me feliz assim e creio que de outra maneira era impossível. Para quê fazer-lhe no futuro, num lar, se ele se altercava irritado e ripostava que todo o encanto da vida se esfuma entre quatro paredes. Que o lar era uma prisão e contrariamente às outras, há, entravamos e saíamos todos os dias por direitos incoerentes. Não tinha argumentos para interceder, venciam-me sempre, mas no fundo compreendia que os meus pensamentos eram caóticos.

Algo, nele, obscurecia-o, a realidade encolericava-o. Quis ajudá-lo, na medida que me era possível proceder honestamente e como julgava que a moral aceitava, segundo a educação que meus pais e professores me coadjuvaram a respeitar. Foi tudo em vão. Se um dia estava comigo, durante duas e três semanas não o via. Muitas vezes esperei-o num sítio, previamente combinado, onde pudéssemos estar à vontade. Adorávamos estar só horas esquecidas. Ao regressarmos a casa, de permoio até lá chegarmos, contava-me as suas vicissitudes, as dificuldades da sua vida. Depois despediamonos e via-o desaparecer no carro. Não sabia para onde ele se dirigia e creio que ele mesmo se conduziu sem rumo certo. Ora, recebia dele cartas de Lisboa, ora do Porto ou do Algarve, ou ainda, e algumas vezes, tinha correspondência sua do estrangeiro.

O sol, roubava-me a pequena sombra tinha girado sem me aperceber que ele se move sempre, e indiferente aos nossos problemas. Fui para casa apressada, meus pais com certeza estavam já a almoçar.

Jorge chegou pelas dez horas da noite. Estava tão alegre que logo me senti feliz. Sentámo-nos a uma mesa, junto a uma das colunas que ladeava o recinto da dança. Todas as mesas estavam iluminadas por candeeiros com quebra-luzes acetinados. A orquestra ao fundo, punha de permoio o recinto, onde se formava um círculo escuro e nesta sombra, jovens dançavam ao ritmo dos mambos; as danças ilariantes da época. Outras luzes cambiadas smoldavam entre os claros-escuros, um bar moderno e um corredor vastíssimo decorado a baixos-relevos, por toda a parede semi-circular.

Jorge fixava-me e sorria, como se lesse nas retinas as imagens dos meus pensamentos. Por vezes admitia que os compreendesse, porque eu adivinhava-lhe, do mesmo modo, certas reflexões ou ideias. Gostava deste jogo telepático e quando ele se enganava, ria alegremente porque ele insistia que tinha adivinhado e que eu lhe mentia. Contudo admirava-o pelas suas deduções bastante oportunas, quando me via triste ou inconsolável. Era na verdade bom observador e julgou que por isso nós conhecemo-nos. Foi um baile e sem qualquer apresentação, apenas pelo seguinte: namorava então um colega meu do liceu, ou antes, ele levava um ano de avanço, seguira para Coimbra e havia mais de um mês que não tinha notícias dele.

Estava desesperada como era de esperar, mas só por uma questão de orgulho. Tivemos algumas réplicas antes, mas não queria que fosse ele a acabar o namoro. Pelo menos a questão oferecia-se-me deste modo. Ainda não tinha dançado e isso revoltava-me, todos me consideravam comprometida. Na realidade nada havia; apenas um namorico por desporto, como por aí se diz. Notara já Jorge, de vez em quando olhava-me e com certeza, respeitando a mesma ideia não ousava dirigir-se para dançar comigo. Num dos intervalos da orquestra, fui ao bar; naquela noite improvisada para uma festa de antigos alunos do liceu. Ouvi uma voz forte que quase me segredava. Era Jorge. —Se quiser—disse-me—serei o portador das suas máguas para o seu príncipe encantado... Porei nisso todos os meus esforços... sinceramente.

Esta última frase foi pronunciada com afincado cinismo; notei-o. Não tenho qualquer príncipe encantado.—Respondi-lhe quase irritada, não por ele, mas apatia-me divertir. Insistiu. Então, nesse caso—fixando-me— não vejo inconveniência em dançarmos. Aquiesci. E desde aí, que nos namoramos, há já dois anos.

A orquestra tocava um «slow», Jorge cingira-me pela cintura e fui dançar. Como sempre, pregado ao chão quer fosse tango, rumba, swing ou qualquer outra música. Sentia prazer de dançar assim com ele, enlaçava-me de modo diferente de outros homens. Agradava-me tê-lo junto ao peito e segredando-me tolices. Tinha graça quando estava com disposição e sobretudo quando bebia aqueles líquidos dourados. Fazia-me feliz e isso bastava-me.

A orquestra mudou para um desenfreado «mambo». No recinto surge uma bela morena. Afastámo-nos assim como os outros pares, fazíamos roda, no centro a silhueta rodopiava, alguns olhos desorbitaram-se. Junto de mim alguém exclamou: Nua! Mas apenas duas peças de roupa cobriam a a beldade. Os flancos da inesperrada bailarina, bomboleavam-se presos a duas pernas formosas que se agitavam impacientes. A cabeleira negra fluuava nas espáduas nuas, onde dois braços carnudos perfeitos, gesticulavam ritmicamente. Algum público extasiava-se, embevecido pelas curvejantes carnes tostadas pelo sol. Toda ela era uma mistura de tentação e instinto.

Jorge, a meu lado observava absorto, sentia-o agitado. Dizia-me, às vezes, que todas as danças improbas, provêm do instinto e cujo ritmo por ele inspirado, transpor-

tado à dança, tomava aspectos hilariantes, extáticos e por último espasmódicos. lembro-me destas conversações e na realidade há uma certa lógica.

O círculo que ladeava a bailarina, tornara-se compacto, entusiasmas acompanhavam o ritmo batendo uma mão na outra, ao compasso da música. A orquestra dava os acordes finais. Jorge e eu, dirigimo-nos para o terraço àquela hora sem iluminação.

A noite estendia-se negra, entre um céu brilhante, maravilhoso, e um mar dócil prateado. A atmosfera cálida tornava a terra tépida, as areias brandas, os corações expansivos. O sussurro do mar quebrava o silêncio, e a pequena lua ao fundo, pronunciava-se boa companheira. Respirava-se maresia. O resto imaginava-se ou repartia-se. Inteligência ou amor.

Jorge nada dizia, contemplava o tecto esplendoroso, como esperasse dele uma mensagem superior. Sentámo-nos junto ao muro, que limitava o terraço sobre as rochas banhadas pelo oceano.—Tu amas-me? —Interpelou-me com serenidade e duma forma que estranhei.—Sabes bem que sim.—Respondi-lhe.—Porquê? Interpeli-o curiosa.—Há pouco, quando assistíamos àquela dança, pensava em ti. Não achei estranho pensar nisso. Somos humanos e temos um instinto.—Cada palavra dele era primeiramente meditada e depois proferida a medo. Proseguiu.—Talvez não seja assim... mas não, todos nós sentimos o mesmo desejo. Porque, nós... não, talvez te horrorizasses, se dissesse o que sinto.

Baixou a cabeça, indeciso.—Falamos de amor como isso fosse todas as coisas que juntos imaginamos. O amor tem que ser diferente, nunca o senti verdadeiramente. Contigo, um novo mundo desvendou-se-me, diferente do desejo ocasional e sempre imperfeito, que conheço com repulsa. Desculpa-me, falar-te assim, mas a ti não quero mentir.

Após um pesado silêncio, que recaiu aflitivo sobre nós, nada dizíamos, imiscuidos na noite.—Ouvias-me? Respondi-lhe afirmativamente. A voz de Jorge pareceu-me etérea e que a própria natureza difundia. Levantou-se e levava-me pela mão. Senti o seu peito no meu, arfantes: envolvi-me carinhosamente. Do casino, chegava até nós, um murmúrio vago. O fluxo lento das ondas, reproduzia uma linha curvejante, cor de leite, que se despercebia no infinito, mas perdia a sua densidade ao aproximarmos-nos da praia, onde as rochas adormeciam indiferentes.

## LÃS PARA TRICOT

A CASA QUE MAIOR SORTIDO APRESENTA EM LÃS

Marcas: TWEED, SHETTLAND, AUSTRALIANA, RUBY, ANGORA

LINDA COLECCÃO DE ALGODÕES MERCERIZADOS

PERLOPONS E RÁFIAS

CORES GARANTIDAS—ENVIAM-SE AMOSTRAS

PEDIDOS A: J. A. MONTEIRO, LDA.

RUA AUGUSTA, 250-2.º DT.º — LISBOA

MÁQUINA DE BOUR SINGER  
de uma agulha  
Vende-se  
Rua Miguel Bombarda  
PADERNE



PORTO  
RAINHA  
SANTA

ATÉ  
OS ANJOS  
BEBEM!...

RODRIGUES PINHO  
& C.º

Vila Nova de Gaia

Seja económico  
Poupe muito dinheiro  
PREFIRA A  
TIPOGRAFIA SOCORRO  
FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.  
VILA REAL DE STO. ANTÓNIO  
Telefone 59 Apartado 3

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

## POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO E VALORIZAÇÃO (7) DAS ÁGUAS DA FONTE SANTA JUNTO À PRAIA DE QUARTEIRA

(Conclusão do número 331)

Pode pois suceder que a Fonte Santa não seja ideal para toda a gente. Mas daí não se infere que o clima seja ruim ou que a proximidade da praia exerça influência nefasta sobre ele.

Esta conclusão é muito importante porque, como já vos disse, a Junta de Turismo de Quarteira pensa, uma vez postas as águas em funcionamento, evitar a construção de qualquer hotel no local destas, fazendo alojar os doentes nos hotéis e pensões da praia onde, no verão, há luz, mocidade e dinamismo, e onde no inverno há necessidade de dar que fazer à indústria hoteleira que, fora da época balnear, vive em crise.

Se no ponto de vista económico a proximidade da praia de Quarteira se considera uma circunstância feliz, o mesmo se poderá dizer no ponto de vista social.

Um agregado familiar não é só constituído pela pessoa interessada na cura de águas. O agregado é também constituído por gente nova e sadia, em regra pouco interessada na paz e no repouso oferecidos pela maior parte das nossas termas.

Nós temos aqui lugar para os velhos sem sacrificar as férias da mocidade. Podemos dar satisfação aos que sofrem de reumático, mas... também temos remédio para os neurasténicos que, com toda a certeza, sentirão nascer-lhes uma alma nova no ambiente festivo desta praia, onde a alegria do Algarve está presente, pronta a comunicar-se.

Se me possam acusar-nos de demasiado regionalismo, poderemos talvez dizer que juntamos o útil ao agradável.

É certo não termos aqui o Casino e a piscina da Curia; mas possuímos as areias douradas de Quarteira, que as águas do Atlântico vêm beijar sob as vistas dum céu como só o Algarve possui.

É certo não termos aqui as matas frondosas, rescendendo de romantismo e convidando à meditação, como no Bussaco; mas possuímos a incomparável beleza dos nossos campos que constituem, sem dúvida, os mais lindos cantos deste jardim da Europa à beira mar plantado.

Eu necessito de luzes e de barulho. Sem isso não alcanço saúde para o espírito que, tal como o corpo, também necessita de saúde para funcionar. Na paz beneditina dumas termas jamais alcançaria remédio para os meus achaques. E como eu, muita gente haverá que, para obter uma cura para o corpo, prefira beber água em local onde tiver o mundanismo, o movimento e a alegria duma praia próxima.

Estou quase chegado ao termo desta pequena palestra, e resta-me, ao menos a esperança de ter conseguido reviver uma coisa esquecida, trazendo-a para o plano dos problemas de interesse regional.

Trouxe-vos umas ideias gerais. E se não fui além destas generalidades isso deve-se apenas ao facto da carência de elementos concretos onde basear um raciocínio seguro. Assim, a análise que serviu às conclusões do Dr. Ascen-

são Contreiras perdeu-se certamente. Sobre a captagem não existem pesquisas que nos dêem o comportamento dos calcários subjacentes, sendo por isso impossível aventurar uma estimativa. O eng.º Freire de Andrade morreu. O eng.º Teixeira Duarte também já não pertence ao número dos vivos.

Apesar de tudo, a Fonte Santa pode considerar-se uma dificuldade a vencer. E porque não tentar essa vitória, possuídos do espírito de servir a província, mais do que na ideia de alcançar a remuneração ao capital que venha a ser empadado?

De resto, esse capital poderá ser mínimo, se tudo se fizer com prudência e sem excessos de optimismo sempre contraproducentes.

Na minha opinião o melhor caminho será aquele que conduza a iniciar-se tudo de novo, começando no registo da nascente e acabando no alvará, que convém esteja liberto dos inconvenientes que pesam sobre o actual. Entretanto não iria perigo para o mundo se se iniciassem os trabalhos de captagem, depois dos quais será possível conseguir análises ajustadas ao valor real da nascente.

Em tudo isto sempre haverá que arriscar alguma coisa. Até porque nós não sabemos, nem ninguém o poderá saber com antecedência, se o favor do público necessitado de águas será suficiente para compensar a boa vontade daqueles que meterem ombros a este empreendimento.

Neste ponto só os casos de cura, actuando em conjunto com uma propaganda inteligente, poderão determinar um futuro risinho às termas. Desse futuro nada diremos. Até porque... o futuro a Deus pertence.

1) — A demarcação destes 50 há determina-se do modo seguinte.

Une-se por meio duma linha recta os pontos trigonométricos Alto do Forte Novo e Alfuz, e medindo-se para leste 770 m. determina-se o vertice A do rectângulo. Por este vertice tira-se uma recta AB para o lado norte fazendo com a primeira um ângulo de 100° 8' 40" e mede-se nela uma distância de 1000 m. que determina o vertice B. Por A e B levantam-se perpendiculares para leste de 500m. cada uma, que determinam os vértices C e D.

2) — Cf. Luiz Acciaiuoli — Hidrologia Portuguesa, Lisboa, 1947.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

### EM PORTIMÃO

Leia o «NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
no CAFÉ NACIONAL

e na  
BARBEARIA DESPORTIVA  
(de João Bonito)

QUEM NÃO FAZ CONTAS...  
NÃO SABE A QUANTAS ANDA  
SULFONITRATO DE AMÓNIO «RUHR»

MARCA «NITROSULFA»

PODEROSO E EFICIENTE ADUBO AZOTADO ALEMÃO

GRANDE BAIXA DE PREÇO

AGORA MAIS BARATO ESC. 18\$50 POR SACO DE 100 KGS.

O SULFONITRATO DE AMÓNIO «RUHR»

MARCA «NITROSULFA»

CONTEM 26% DE AZOTO  
(SENDO 1/3 NÍTRICO E 2/3 AMONIACAL)

É O ADUBO AZOTADO GRANULADO  
MAIS EQUILIBRADO E ECONÓMICO

UM PRODUTO DAS FÁBRICAS «RUHR STICKSTOFF»

REPRESENTADA EM PORTUGAL POR

SOCIEDADES REUNIDAS REIS, LDA.

LISBOA — Rossio, 102-1.º Telef. 32521/2/3

PORTO — R. Fernandes Tomás, 565 Telef. 23437

PAMPILHOJA — Telef. 13

## TINTAS EXCELSIOR

Tintas para  
a Construção Civil



AS MELHORES  
TINTAS PARA  
NAVIOS DE PESCA  
E COMÉRCIO

DEPOSITÁRIO NESTA VILA:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENIDA DA REPÚBLICA

Telefone 12

# CAMPEONATO NACIONAL

# DESPORTO

# DE FUTEBOL DA II DIVISÃO

## LUSITANO, 1—MONTIJO, 0 RESULTADO ENGANADOR

Jogo no campo «Francisco Gomes Socorro», presenciado por regular assistência.

Árbitro: Tiago Dionísio, de Beja.

LUSITANO — Padilla; Parra, Mendes e Gonçalves; Padessa e Armando; Jaruga, Rodolfo, Bello, Travaços e Torres.

MONTIJO — Redol; Mora, Manuel Luís e Serralha; Santana e José António; Aleixo, Artur, Veredas, André e Custódio.

(ao intervalo, 1-0)

Parece-nos que nunca tínhamos assistido a uma partida de futebol que tanto nos decepcionasse.

O Lusitano, frente a um Montijo que, embora não fosse de menosprezar o seu valor, não era também o melhor, tinha a obrigação de jogar futebol, muito mais futebol do que aquele que não foi capaz de apresentar. Nem sequer de futebol se pode classificar os noventa minutos que os jogadores locais levaram a gastar em correrias desordenadas, pontapé para a frente, falhanços espectaculares, divorciados totalmente da mais elementar regra de técnica ou valor futebolístico.

A assistência, muito especialmente os «torcedores», que indignadamente protestavam contra tão grande desorganização, absolutamente injustificável, ficou com a certeza que só a vontade de não se demitirem frente ao velho rival Olhanense, conseguiu oito dias antes, que os jogadores locais fizessem uma portada agradável e entusiástica à procura de uma vitória que seria justa se a tivessem obtido.

Alguma coisa não está certa no Lusitano. Temos calado todo este tempo, não só na esperança de uma melhoria, como também para evitar maior faladaria, maior descontentamento e maiores complexos, a um clube que entrou nesta época com o pé esquerdo. A unidade apreçoada é um mito. Dia a dia, sente-se, infelizmente, uma desunião larga, uma assustadora apatia, e o que é pior, um desinteresse arripiante.

Que temos visto fazer o Lusitano, no aspecto futebolístico neste Campeonato? Quais os progressos da equipa? Com franqueza, em nossa opinião pessoal e na quase opinião geral, nada de progressos tem havido e que tanto foram prometidos. Acreditamos piamente que a classificação do Lusitano não é pior, porque felizmente disputam a prova clubes ainda mais fracos. Não é nosso intento, nunca foi em tempo algum, atacar direcções ou treinadores, ou culpá-los de insucessos. Mas é nosso dever chamar a atenção desses responsáveis para o que se passa. Não devem nem podem ignorar que reconhecer um erro, quando esse erro existe, só dignifica e nobilita quem o reconhece e com entusiasmo o tenta remediar.

O Lusitano é uma grande família que não deve ser teimosamente ou despeitamente dirigida, só porque houve qualquer «tra-

vêssos», que teve a «veleidade» de discordar da orientação seguida. Sejamos realistas e com olhos de querer ver, ataquemos o mal onde ele realmente existe. Em qualquer campo que não fosse em Vila Real, os rapazes do Lusitano, talvez os menos culpados, teriam sido vaiados pela assistência, há oito dias. Não dirá nada isto? Ou será que quem não cala é contra o Lusitano? Pode dizer-se: jogámos mal mas ganhámos. Ganhámos sim mercê de um «penalty» discutível, de uma forte dose de sorte e de uma boa exibição de Padilla. Mas será isto suficiente? E é nestas circunstâncias que podemos con-

fiar ou pelo menos alimentar a esperança que será evitado um doloroso regresso à III Divisão?

Ficamos por aqui, por agora. O Campeonato é longo e ainda haverá tempo de muita recuperação. Apelamos para os responsáveis, fazendo-lhes lembrar que acima de tudo, até dos nossos interesses pessoais, está o clube, e que a grande massa clubista aguarda impacientemente uma justificação e reabilitação que os responsáveis pelo clube poderão dar-lhe se quiserem, pois para tanto, cremos, não lhes falta valor e inteligência.

C.

## COMENTÁRIOS AO NACIONAL DA II DIVISÃO

### RELANCE DA JORNADA

A última jornada do arrasante e entusiástico torneio que é o Nacional da II Divisão pôs o Algarve em grande evidência, pois, as equipas algarvias que disputam esta prova saíram vitoriosas, o que merece, sem dúvida, os nossos aplausos.

Parabéns, pois, ao Lusitano, ao Olhanense, ao Farense e ao Portimonense que mais uma vez afirmaram com o seu valor desportivo...

Que esta proeza das equipas algarvias se repita muitas vezes são os nossos mais sinceros votos.

### A 7.ª JORNADA DISSE:

#### Em Vila Real de Santo António

A equipa rubra do Lusitano Futebol Clube ao vencer o forte conjunto do Grupo Desportivo do Montijo — golo obtido de grande penalidade e apontado pelo seu excelente jogador RODOLFO, que em boa hora regressou ao Clube da sua terra natal —, marcou pela primeira vez, esta época, dois pontos no seu ambiente, o que dá a entender que os lu-

sitanistas vão, agora encontrar o seu caminhar...

Que a equipa possui um conjunto composto por atletas briosos e valerosos não restam dúvidas...

Ganhar ao Montijo não é tarefa fácil e demonstra, sem dúvida, que os rapazes do Lusitano querem continuar a disputar o Nacional da II Divisão, lugar a quem têm direito por mérito próprio.

#### Em Olhão

Embora com muitas dificuldades os rubro-negros de Olhão venceram o seu adversário, o Grupo Desportivo Estoril de Praia. O resultado de dois a zero, tentos obtidos pelo seu dianteiro CAMPOS, diz bem das dificuldades encontradas pelos olhanenses, que, embora jo-

gando no seu ambiente realizaram uma partida bastante modesta, ao contrário os estorilistas — agora orientados pelo excelente jogador que foi Vieirinha — demonstraram possuir uma equipa muito jeitosa...

#### Em Portimão

Os alvi-negros de Portimão triunfaram pela excelente marca de sete bolas contra uma. O resultado só por si diz bem da maneira como os barlaventinos estão a actuar. Embora o Serpa fosse tarefa fácil, o resultado é digno do maior registo. Sete tentos não se marcam fá-

cilmente... A equipa do Portimonense Sporting Clube continua, muito justamente, no posto da classificação e o trabalho de Fernando Cabrita não pode ficar «olvidado» do grande público que se interessa pelo desporto.

#### Em Beja

O Sporting Clube Farense saiu vitorioso do jogo que foi realizar à capital do Baixo Alentejo, frente ao Desportivo local. O resultado pela diferença de dois tentos diz bem da superioridade evidenciada pelos alvi-negros.

Excelente proeza, sem dúvida, atendendo à carreira magnífica que o Desportivo vinha realizando, especialmente junto do seu público, onde já havia derrotado as agremiações de Olhão e do Montijo.

A entrada do antigo jogador e treinador do Olhanense, Joaquim dos Santos (Paulo), nas hostes farenenses começou da melhor maneira, pois, começou com uma vitória excelente em campo alheio.

Os algarvios necessitam acreditar-se mais nas suas possibilidades...

Haverá recuperação ou esta vitória foi mero acaso?

Esperamos que continue na senda das vitórias.

### Hoje não se realizam jogos dos Nacionais

Hoje não se realizam jogos respeitantes aos Nacionais da I e II Divisões, pois, sobre um domingo de interrupção...

A 8.ª jornada realiza-se à no dia 15, pelo que, os comentários referentes aos encontros desta jornada dar-lhes-emos no próximo número.

H. V.

### GOLOS E GOLÕES

#### MARTIN

#### AUMENTOU A VANTAGEM

O portimonense Martin, que comandava a lista dos melhores marcadores, alcançou no domingo mais três golos aumentando assim a sua vantagem sobre os mais directos adversários.

A ordem dos marcadores é, agora, a seguinte:

Martin (Portimonense)	9
Alexandrino (Portim.)	5
Lito (Barreirense)	5
Mascarenhas (Bar.)	5
Torres (Lusitano)	5
Severino (Arroios)	5
Viegas (Juventude)	5

#### Outros resultados

Portimonense, 7 — Serpa, 1
Olhanense, 2 — Estoril, 0
Arroios, 2 — Barreirense, 5
Oriental, 5 — S. L. Olivais, 5
Juventude, 1 — Almada, 0
Beja, 0 — Farense, 2

### CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
PORTIMONENSE	7	6	—	1	26-7	12
OLHANENSE	7	6	—	1	16-3	12
Barreirense	7	5	1	1	16-6	11
Oriental	7	3	3	1	10-5	9
FARENSE	7	3	2	2	12-9	8
Montijo	7	3	1	3	15-10	7
Desp. Beja	7	3	1	3	13-13	7
Juventude	7	2	3	2	14-18	7
LUSITANO	7	2	2	3	11-13	6
Almada	7	3	—	4	6-9	6
S. L. Olivais	7	2	1	4	11-16	5
Serpa	7	1	2	4	9-20	4
Estoril	7	1	—	6	7-19	2
Arroios	7	1	—	6	9-27	2

Jogos para domingo (dia 15): Montijo-OLHANENSE; Barreirense-LUSITANO; FARENSE-Arroios; Almada-Beja; Serpa-Juventude; Olivais-PORTIMONENSE; Estoril-Oriental.

### OLHANENSE, 2 - ESTORIL, 0

#### Os locais jogaram mal... mas ganharam bem

Jogo no campo Padinha, em Olhão, presenciado por regular assistência de espectadores.

Árbitro — Inácio Tereso, da Comissão Distrital de Árbitros de Setúbal.

OLHANENSE — Abade; Ezequiel e Toupetiro; Casaca, Luciano e Reina; Gancho, Cam-

pos, Parra, André e Varandas. ESTORIL — Augusto; Batalha e Albino; Fernandes, Brito, e Mota; Cunha, Aragão, Monteiro, Peixote, Lachever.

(ao intervalo, 1-0)

Sem jogar bem os locais venceram o jogo com todo o merecimento. Na verdade esperávamos mais dos rubro-negros, pois, o adversário era modestíssimo. Afinal os estorilistas surpreenderam e jogaram tão agradávelmente que não mereciam derrota mais pesada.

Jogando calmamente e confiantemente os dianteiros de Olhão levaram os primeiros quarenta e cinco minutos a jogar mal, sem nexo nos passes e nos chutos à baliza defendida por Augusto, pelo que, o resultado de 1-0 com que atingiu o intervalo era o resultado, sem dúvida, mais lógico. Este tento, numa jogada bem delineada pelos algarvios, foi seu autor, o interior direito CAMPOS, que atirou de forma excelente à baliza.

No segundo tempo e quando se esperava mais dos locais, foram os visitantes que tiveram um período de franco domínio e não só concretizaram por falta de finalizadores.

Diga-se, desde já, que o dispositivo adaptado pelos visitantes sensivelmente defensivo e dificultava imenso o melhor jogo que os olhanenses tentavam pôr em campo.

Depois de Campos obter um golo fortíssimo e bem colocado o 2.º golo encontrando o vencedor, e nessa altura os algarvios só não marcaram mais dois tentos por manifesta infelicidade, especialmente Campos que atirou duas vezes à barra.

No Estoril, que se exibiu muitíssimo bem — esperava-se menos de uma equipa que se encontra no último posto da classificação — gostámos de toda a defesa e no ataque apenas Lachever mostrou perigo.

No Olhanense, cuja equipa exibiu-se mal, realizando o pior jogo da época apenas gostámos de Luciano, Casaca e Campos. A arbitragem exibiu-se regularmente.

H. V.

### CAMPEONATO DISTRITAL DA III DIVISÃO

Conforme noticiámos, principiou no passado domingo, o Torneio de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão.

Eis os resultados:

Louletano, 5 - Sambrasense, 0  
B. Esperança, 2 - E. de Lagos, 0  
D. S. Brás, 2 - Silves, 1

Hoje, efectua-se a segunda jornada deste Torneio, com os seguintes encontros.

Sambrasense — B. Esperança  
Silves — Louletano  
Esperança de Lagos — D. S. Brás

### Farense - Lusitano de E'vora NO ESTÁDIO S. LUÍS

Aproveitando o interregno dos Campeonatos Nacionais da I e II Divisão, o S. C. Farense defronta hoje, no seu campo, a equipa de honra do Lusitano de E'vora, pela qual alinharão os seus mais categorizados elementos tais como: Vital, Flora, Palmeiro Antunes, José Pedro, os brasileiros Ivson e Joab, etc.

Na equipa do Farense estreiam-se os argentinos Catoira e Garcia.

Será disputada a «Taça Confraternização».

### BASQUETEBO

C. D. «Os Olhanenses», 47  
G. Clube Olhanense, 27

### O G. D. «OS OLHANENSES» Venceu a «Taça Abertura»

No passado dia 5 (terça-feira), terminou o Torneio de Abertura de Basquetebol, que esta época se realizou com muito interesse e entusiasmo por parte dos desportistas olhanenses.

A finalíssima foi jogada no Campo de Clube Desportivo «Os Olhanenses» entre este clube e o Ginásio Clube Olhanense, tendo os azuis vencido pela marca de 47-27, pelo que, conquistou a «Taça Abertura».

O resultado com que «Os Olhanenses» bateram o Ginásio pode-se considerar merecido, pois, durante o tempo regulamentar foi a melhor equipa, exibindo-se com mais calma técnica e mais harmonia entre os seus sectores.

O Ginásio, nada pode fazer, embora todos os seus elementos tivessem posto na luta toda a vontade e esforço. A ausência de FONTE SANTA tirou, só por si, todo o jogo que o Ginásio podia realizar...

O Ginásio foi um bom vencido e um finalista excelente.

### O LUSITANO F. C. EM PORTIMÃO

Em virtude de não se realizarem, hoje, quaisquer encontros dos Campeonatos Nacionais o Lusitano foi convidado a efectuar um jogo na cidade de Portimão. Assim, o Lusitano fará deslocar, hoje, àquela cidade, a sua equipa de futebol para defrontar o Portimonense S. C.

### CICLISMO

#### OS VENCEDORES da Volta a Portugal NA PISTA DE TAVIRA

Hoje, o Ginásio Clube de Tavira realiza na sua pista um festival em que apresenta a forte equipa do Futebol Clube do Porto. Carlos Carvalho, Sousa Carvalho, Sousa Santos, etc., vão correr em confronto com os seus mais directos adversários da última Volta a Portugal, os corredores do Ginásio.

Pelo nosso Redactor-Delegado em LISBOA — EMÍLIO VALONGO



TEM havido vários inquéritos à causa alarme dos consecutivos desastres de viação. E chegamos à conclusão que uma só causa predomina: excesso de velocidade. Lá fora, as autoridades competentes vigiam o rodado e o aspecto-mecânico dos veículos e a lucidez do condutor; aqui, autuam-se os condutores «apenas» por excesso de velocidade. Porque há a «certeza» de que o desastre se concretizou somente... por excesso de velocidade. Analizando esses semi-rostos que aparecem por detrás da vidraça do carro, ficamos a pensar que muitos desastres são originados mais por vaidade e exibicionismo do que por excessiva velocidade. E o leitor creia que desta análise ao rosto do irritado condutor (que geralmente tem pressa) nasce-nos a certeza plena da concretização da afirmação.

Porque hoje em dia ter-se um automóvel é o sonho do marçano e do patrão, não temos dúvidas a tal respeito, visto que, por quinhentos escudos mensais, toda a gente pode dar-se ao luxo de ter um carro estacionado à porta... mesmo que não tenha dinheiro para a gasolina.

Ora o tal domínio da máquina por que afirmam existir, não existe. A mecânica nem sempre responde ao que dela se espera. «Ah, mas eu domino este carro e nunca me lembro duma avaria!» «É verdade: mas quando a avaria surge, o tal condutor «dominador» jaz no fundo da valeta.

Que mais prejudica um condutor? A vaidade e a tendência portuquezinha de exibicionismo para bradar ao mundo que SABE conduzir. O cretino que fuma, conduzindo com uma mão só ou agarra com a mesma o tejadilho, nem merece referência. Esses são os tais que brincam com a vida de cada um que nada têm a ver com a sua estupidez. Os que de facto merecem referência a longo prazo são os que nunca tiveram nada na Vida e agora têm um carro. Estes sim, merecem-na. Porque passaram fome e apertaram o cinto das calças e «voam» pelas ruas ou estradas, esquecendo o caminho-de-cabras da aldeia que lhes serviu de berço. E quando o desastre surge (ele surge inesperadamente porque não anda às ordens de ninguém) lê-se na respectiva série negra que «por excesso de velocidade morreu fulano...»

«Qual a causa desse desastre? Ela nasceu com esta frase impregnada de vaidade que o condutor lançou para o banco trazeiro: «Isto anda mais! Ainda ontem lhe dei os 120, quem vem?». E neste «querem ver?», perderam a vida ou ficaram inutilizados para sempre. Bem vistas as coisas muito pode a vaidade humana, se eu afirmar ao Leitor que um dia, não há muito tempo, porque um automobilista permanecia inalterável e impecável ao volante sem virar as cordas do pescoço, espatifou a trazeira de um outro carro que se apresentou pela direita! Quer dizer: confundem a personalidade pessoal (posso, mando e quero!) com a categoria excepcional de, para se não «incomodarem» a olhar, darem que fazer à companhia de seguros. E atrás da vaidade e do exibicionismo, vem, de braço dado, o egoísmo, o «eu» impessoal e o tal nosso afamado «quem sou eu, quem és tu». O caso dos motoristas de praça (refiro-me aqui, na capital, claro) que, enquanto transportam o cliente, buzinaem, abrem caminho, discutem e são malcriados; verificando-se a qualquer hora (sem cliente) que eles «passam» pelas ruas sem o menor respeito por quem quer transitar. Dá-se aqui o mesmo caso com o pessoalismo dos novos ricos que não andam nem deixam andar, aliás condenado até pelo próprio Código. Estes, a qualquer reparo, respondem: «Que quer? Espere!». Isto exclamado com a habitual contração bucal, e enlameada de uma bobagem que define os tolos.

Eu não serei inconformista se lhes afirmar que detesto esta categoria de condutores que fazem do veículo as pilulas acalmantes de um nervosismo total. E não serei menos sincero se lhes disser que há dias, quando tive de buzinar para apressar o andamento dum carro de instrução (conduzido por uma senhora), esta deitou a cabeça de fora e, nervosa, agressiva, gritou-me: «Tem pressa? Vá de avião!»

Todas as escolas de condução podiam instruir o futuro candidato ou a ministrá-lhes uma injeção de «calma-dupla», porque isto de conduzir não bastam as lições e o exame final; tem que haver uma certa tedência pessoal para conduzir. Mas não. De dia para dia as escolas abrem novas fichas para novos alunos — e a fita sonora do levante o pé, baixe o pé, carregue na embraiagem, largue o trazo, olhe em frente, lançará o pavor nas ruas e nas estradas e, o mais trágico de tudo isto, a morte que enlutará muitos lares. Porque? Não mo perguntem porque sou capaz de afirmar que presentemente quem conduz o veículo é a vaidade e a hipocrisia, não aqueles quilos de carne imprópria para consumo a que chamam «condutor»!!!

E. V.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
VENDE-SE  
na FIGUEIRA DA FOZ:  
Tabacaria Pessoa

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
VENDE-SE  
na FIGUEIRA DA FOZ:  
Tabacaria Pessoa

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
VENDE-SE  
na FIGUEIRA DA FOZ:  
Tabacaria Pessoa

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
VENDE-SE  
na FIGUEIRA DA FOZ:  
Tabacaria Pessoa

## O ANALFABETISMO EM PORTUGAL

(Conclusão da 1.ª página)

pretendiam amesquinhá-los, reduzi-los à impotência e afastá-los do progresso social.

Chegou a República em 1910 e parecia aos republicanos sinceros que tudo se modificaria.

Qual História? Tudo se modificou, sim, em lutas de partidos, lugares rendosos, invejas, ódios e malsinações...

Até o heroísmo desse valoroso Machado Santos foi posto em causa! Guerra Junqueiro, por defender as cores da bandeira, sofreu insultos e desconsiderações. Uma luta de pardais com fumaças de águas!

No entanto o analfabetismo, como doença curável, veio-se arrastando até nossos dias, ao passo que outras nações pequenas e sem colónias, tinham-se libertado há dezenas de anos desse ferrete ignominioso.

A Suíça, a Noruega e a Dinamarca, mais pobres que Portugal, haviam riscado do seu orçamento essa nódoa de escravatura branca...

Acima da República está a Pátria, com os seus defeitos, virtudes e responsabilidades.

Não basta falarmos nos «Lusiadas», o que urge é recordá-los e honrá-los.

A Família de António Feleiciano de Castilho e a Família de João de Deus foram duas famílias que prolongaram a sua existência amparadas ao bordão reitor de ensinar o povo a ler.

Da primeira família não conheci ninguém pessoalmente, mas tenho pelo seu fundador, o cego António de Castilho, o mais alto respeito que se deve ter por um homem cego, que levou a vida a escrever e a glorificar o País que lhe deu o ser e as excelentes qualidades de ensinar aos seus filhos e aos filhos dos outros o filho da sua poderosa sabedoria.

Da segunda família conheci pessoalmente a esposa e o filho João sobre o funcionamento das missões no Algarve, quis saber quem era o indivíduo que procurava o filho. Declarei à criada o meu nome literário.

A criada não voltou. Apareceu a senhora, pequenina e velhinha a sorrir para mim.

Apertei, afectuosamente, a mão que me estendeu. Convidou-me a assentar em uma cadeira de estilo antigo. E a nossa conversa tomou um lugar elevado, à roda do método de leitura de João de Deus. O filho João estava quase a chegar — disse-me a veneranda senhora. Demorou e eu pedi licença para me retirar. D. Guilhermina, dentro da sua modestia, revelou-se a propagandista enérgica e persistente do método do seu marido.

Não mais a tornei a ver.

No entanto, no meu cofre de afectos escolhidos ela ainda vive e viverá, envolvida em uma aureola de bondade, amor ao seu semelhante e patriotismo.

Teve uma filha chamada Clotilde, que fez versos e morreu nova. Creio que existe outra mais velha D. Maria Isabel — que já entrou na casa dos 90...

O filho João, porém, foi o herdeiro direito da sua actividade e vivacidade.

Só não lhe herdou a longevidade, que ela conseguiu prolongar até aos 99 anos.

João de Deus cantou o fado

## CAMINHOS RURAIS

O concelho de Vila Real de Santo António pelas suas limitadas dimensões e pelo seu pequeno relevo orográfico não tem caminhos difíceis.

A Câmara Municipal acode com cuidado a tratar das suas reparações.

Entretanto alguns vamos indicar que precisam que deles sejam tratadas a notícia do seu estado deficiente até nós chegue por intermédio de reclamações de alguns dos nossos estimados assinantes: o de Santa Rita, o que vai a Cabela Velha, o de Marcela e ainda o que estabelece ligação com a Corte de António Martins.

E' crentes de que seremos ouvidos e atendidas as reclamações dos nossos estimados assinantes que aqui deixamos esta nota.

em Coimbra ao som da viola.

João de Deus Ramos cantou o fado em Coimbra ao som da guitarra. Ambos cantores e poetas e ambos oradores e humoristas.

O pai teve horror à política; Um traço divergente entre os dois.

No humorismo, todavia, a mesma veia equilibrava assim os seus temperamentos alegres.

João de Deus Ramos a primeira vez que veio ao Algarve foi a Vila Real de Santo António, onde o seu irmão mais velho casou.

As suas impressões da vila pombalina eram excelentes. O pitoresco das ruas, da lota e da linguagem dessa gente deram-lhe logo a paisagem do Algarve colorido, com frutas e conservas saborosas.

A última vez que me visitou em Portimão, acompanhado da esposa, perguntei-lhe se o João de Deus Ramos, diplomata de carreira, era seu filho, respondeu-me risonhamente:

— E' meu sobrinho. Só tenho duas filhas. Minha mulher teve um filho que viveu uma hora.

Nessa hora viu o que era Mundo... O Antero de Quental precisou de 49 anos para conhecer o que meu filho viu no ligeiro espaço de sessenta minutos!

O seu humorismo, rapidamente fagueiro luz e filosofia.

Marcos Algarve

## Crise no Teatro?

(Conclusão da 1.ª página)

dições, mas não iludem os que diariamente se queimam, mesmo que pouco, na chama da emoção.

E' um prazer, uma satisfação verificar que todos os Teatros da Capital estão em funcionamento, não só com Companhias Nacionais, como com Companhias Estrangeiras.

Só o Brasil irmão tem a sua parte, na Capital portuguesa, duas magníficas Companhias de Teatro, que muito apreciadas têm sido.

Ao contrário do que se afirmava, o público tem recebido, recebe e receberá essas manifestações de arte com carinho e entusiasmo, o que nos leva a crer que uma nova era de prosperidade, de triunfo, espera o Teatro em Portugal.

E por que não?

Nós temos uma brilhante tradição teatral que não pode ser esquecida de um momento para o outro, que não pode morrer por descuido, pelo desleixo de nós próprios.

O assunto «Teatro» tem merecido ao S. N. I., um carinho e cuidado especiais e o Dr. Moreira Baptista, Secretário Nacional da Informação, tem dado provas de querer eliminar por completo aquilo a que se chamou e ainda se chama, as vezes, a «Crise do Teatro».

Este ressurgimento do Teatro Nacional deve-se, sem dúvida, em grande parte

## COMBATE CONTRA O ANALFABETISMO EM SILVES

A fim de conduzir à matrícula e à frequência de escolas primárias, foi superiormente comunicado, em Silves, que todos os professores e regentes daqueles estabelecimentos de ensino podem pedir a intervenção dos agentes da G. N. R. e da P. S. P., a todas as crianças que se recusam.

(Conclusão da 1.ª página)

que nas turmas e nas horas de recreio não querem estar junto de certos discípulos só porque os pais destes não têm o mesmo nível social que os deles.

Depois de observar calado o desenrolar de toda

gem florida por que passam todos os cemitérios, donde se desprendem lágrimas e preces que a Morte não pode abafar no coração dos vivos. Aqui, uma pobre velha curvada e encarquilhada que reza por alguém que um dia ela amou; ali, uma inocente criança que choram olhando uma pedra de mármore. Acolá, um homem pálido e abatido que ora baixinho, ora limpando o rosto convulso.

Em toda a parte — e por todos os lados — flores, muitas flores para os mortos que o Tempo não faz esquecer, e muitas lágrimas sufocadas nos peitos que gravam para além da eternidade aquele nome tão belo, tão querido, que ali jaz, inerte, frio, cadáver, na paz eterna talvez escutando as preces dos que tanto amou. Depois, nesta manhã outonal, tudo passa: as gentes deixa de acotovelar-se, secam as lágrimas e voltam os suspiros profundos, e as ruas ficam pejudadas de pétalas de variegadas cores que o vento brando dispersa. Essas pétalas, cujo odor perfuma o ambiente morno deste Dia de Finados, confundem-se umas com as outras, entrelaçando-se as pobres e as ricas na mesma função patética de demonstrar aos homens que, ali, na terra álgida, não há egoísmos nem lutas vão por banalidades — nem categorias como nos dizem as pétalas que os pobres e os ricos espalharam pelas ruas.

Neste Dia de Finados, que afinal passou por todos os corações, todos nós recordamos um morto querido que a Morte roubou do nosso convívio. Mais de que flores, damos-lhe as nossas lágrimas sinceras — lágrimas que trazemos escondidas na alma e ficam bem sobre a pedra de mármore onde o nome foi gravado e continua gravado no nosso coração, como recordação saudosa, indelével.

V. E.

Presidente da República. Há ainda hoje quem os teça? Deixamos a pergunta sem resposta por não saber qual lhe havemos de dar.

O que queremos acentuar, e a isso vimos, é que devia haver um movimento de renovação de muitas destas indústrias caseiras, tal como o que se fez em vulto das colchas de noiva de Castelo Branco e que teve como corolário a bela exposição do S. N. I.

Ficaria mal às casas do Povo, espachadas pelas freguesias rurais, provoverem e incitarem esse movimento realizando pequenas exposições nas próprias localidades, atribuindo prêmios aos melhores trabalhos apresentados?

Depois dessa realização em marcha outra entidade de mais ampla acção a poderia orientar para mais largas amplitudes.

Creemos que a realizar-se nada se prejudicaria, criando-se a muitas famílias possibilidades de viverem no seu lar, trabalhando em obras úteis e de verdadeira ternura.

T. L.

Estes bancais chamaram a atenção do general Francisco José Pinto, representante do Brasil às Comemorações Centenárias, quando por essa ocasião se fez em Faro a exposição das actividades dos diversos concelhos algarvios e que foi inaugurada pelo grande algarvio Duarte Pacheco em representação do Senhor

a cena, dirigi-me à pequena e felicitei-a pelo gesto feito, então aqueles olhitos azuis fixaram-me como que envergonhados a esboçar um sorriso.

Que rica lição para algumas e alguns estudantes

Mário Palma

## FLORES PARA OS MORTOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

gem florida por que passam todos os cemitérios, donde se desprendem lágrimas e preces que a Morte não pode abafar no coração dos vivos. Aqui, uma pobre velha curvada e encarquilhada que reza por alguém que um dia ela amou; ali, uma inocente criança que choram olhando uma pedra de mármore. Acolá, um homem pálido e abatido que ora baixinho, ora limpando o rosto convulso.

Em toda a parte — e por todos os lados — flores, muitas flores para os mortos que o Tempo não faz esquecer, e muitas lágrimas sufocadas nos peitos que gravam para além da eternidade aquele nome tão belo, tão querido, que ali jaz, inerte, frio, cadáver, na paz eterna talvez escutando as preces dos que tanto amou. Depois, nesta manhã outonal, tudo passa: as gentes deixa de acotovelar-se, secam as lágrimas e voltam os suspiros profundos, e as ruas ficam pejudadas de pétalas de variegadas cores que o vento brando dispersa. Essas pétalas, cujo odor perfuma o ambiente morno deste Dia de Finados, confundem-se umas com as outras, entrelaçando-se as pobres e as ricas na mesma função patética de demonstrar aos homens que, ali, na terra álgida, não há egoísmos nem lutas vão por banalidades — nem categorias como nos dizem as pétalas que os pobres e os ricos espalharam pelas ruas.

Neste Dia de Finados, que afinal passou por todos os corações, todos nós recordamos um morto querido que a Morte roubou do nosso convívio. Mais de que flores, damos-lhe as nossas lágrimas sinceras — lágrimas que trazemos escondidas na alma e ficam bem sobre a pedra de mármore onde o nome foi gravado e continua gravado no nosso coração, como recordação saudosa, indelével.

V. E.

Presidente da República. Há ainda hoje quem os teça? Deixamos a pergunta sem resposta por não saber qual lhe havemos de dar.

O que queremos acentuar, e a isso vimos, é que devia haver um movimento de renovação de muitas destas indústrias caseiras, tal como o que se fez em vulto das colchas de noiva de Castelo Branco e que teve como corolário a bela exposição do S. N. I.

Ficaria mal às casas do Povo, espachadas pelas freguesias rurais, provoverem e incitarem esse movimento realizando pequenas exposições nas próprias localidades, atribuindo prêmios aos melhores trabalhos apresentados?

Depois dessa realização em marcha outra entidade de mais ampla acção a poderia orientar para mais largas amplitudes.

Creemos que a realizar-se nada se prejudicaria, criando-se a muitas famílias possibilidades de viverem no seu lar, trabalhando em obras úteis e de verdadeira ternura.

T. L.

Estes bancais chamaram a atenção do general Francisco José Pinto, representante do Brasil às Comemorações Centenárias, quando por essa ocasião se fez em Faro a exposição das actividades dos diversos concelhos algarvios e que foi inaugurada pelo grande algarvio Duarte Pacheco em representação do Senhor

## A CASA DO ALGARVE COMEMORA O 499.º ANIVERSÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE

Em 13 do corrente, data do 499.º aniversário da morte do Infante D. Henrique, em Sagres, a Casa do Algarve realiza no Porto, em colaboração com a Liga Portuguesa de Profilaxia Social, uma sessão comemorativa da referida data, na qual o erudito investigador infanista sr. Major Nascimento Moura, versará o tema «O Porto e o Algarve — berço e túmulo do Infante D. Henrique».

Usarão também da palavra o presidente da Direcção da Casa do Algarve e um dos Directores da Liga. A encerrar a sessão exibir-se-á o filme colorido «O Meu Algarve», cedido pelo S. N. I.

## Visado pela Comissão de Censura

## FOLHAS DE OUTONO

(CONCLUSÃO DA 2.ª PAGINA)

TEVE um nome, que já me esqueceu. Talvez um nome simples como simples fora a sua curta passagem por esta passageira da feira da Vida, da vaidade, da hipocrisia. Ah, se tu a conhecesses haviás de gostar dela! Eu respeitai-a e amei-a sinceramente, fazendo dela a própria luz da minha vida; havia dentro de mim um culto religioso por tudo que dela se desprendia — e muitas noites através desta mesma vidraça «sentia» profundamente e comoviam-me olhando para o passado e para o presente, vivendo com ela os dramas pungentes e a dor dos mortos.

COMPREENDI, então, que facilmente podia fazer sangrar o coração só de pensar que um dia havia de ficar sem ela; e esse dia chegou. Roubaram-me e mataram-me. Ah, como chorei encostado a esta janela olhando esta mesma rua! Chamei-lhes ladrões e assassinos! E chorarei toda a vida essa perda que deixou de dar luz a minha alma. E sabes quem a perdeu? Escutame: aquele carro luxuoso que agora passou e que atropelou friamente aquele pobre inocente que geme no chão lamacento; aquele miserável que «matou» o coração daquela mulher e a deixou ficar com o fruto dum amor ilusório nos braços cansados e doridos. Estoutro que espesinhando o seu inferior se guindou ao que não tinha lugar; o cínico que ri pela frente e apunhala pelas costas; o hipócrita que destrói por belo prazer; o miserável que lança às bestas humanas uma pobre sem destino. E a maldade e a inveja de todos eles, em pisarem, massacram, dia o dia, o que feito durante uma vida inteira!

AQUI tens a minha história simples e quem foram os «assassinos» que arrancaram e mataram talvez o grande sentimento de minha vida. O que chorava e ria comigo e que me deixou para sempre só, a caminhar nesta estrada lamacenta.

Agora me recordo do nome que tão religiosamente viveu e morreu dentro do meu peito: chamava-se Sensibilidade. Mas tornei a encontrá-la, meu amor, quando pela primeira vez te beijei — e Deus sabe quanto a senti.

E. V.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
VENDE-SE  
na FIGUEIRA DA FOZ:  
Tabacaria Pessoa

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
VENDE-SE  
na FIGUEIRA DA FOZ:  
Tabacaria Pessoa